

Buenos-Aires, 12 de fevereiro de 1933

Amigo Glicerio

Rivera

Tenho em meu poder sua carta de 6, a qual me apresso em responder pelo portador seguro que se me oferece. Já conhecemos amplamente o negocio do fgyts. Está tudo esglarecido e podemos adiantar-lhe que são inteiramente infundadas as suspeitas. Nenhuma carta nossa, felizmente, chegou ao poder do reprobô.

Da expressão GFMLT CUNDAM, contida na sua carta, só conseguimos decifrar a primeira parte. Conhecemos, pois, a categoria, mas não sabemos o nome da pessoa de que se trata.

Gashipo acha-se aqui; temos estado com ele. Quanto ao tenente Ribeiro, que sabemos positivamente ter estado em Montevideú, consta-nos ter vindo a Buenos-Aires, mas, se aqui esteve, não nos procurou. Evidentemente, pertence a um outro sector.

Há uma carta sua, registrada, retida na posta restante, pois tendo vindo para a caixa convencionada, só a pode retirar o destinatario, mediante prova de identidade.

A junta nacional encontra-se ainda no mesmo pé. Foi enviada a S. Paulo uma pessoa, para verificar quais são os sentimentos ali dominantes em relação aos dois gfmilt litigantes. Esperamos que, com esta medida e a proxima chegada do Lusardo, tudo se resolva. Do dr. Borges não temos tido nada. O Pinheiro Chagas ainda se encontra aqui e parece que desistiu de embarcar. O caso Collor, no mesmo pé em que V. o deixou, ou, talvez, um pouco melhor. Creio que com o tempo se resolverá de todo. É o que nós, em medicina, chamamos terapeutica expectante. Quanto á viagem dele a Libres, de que nós tambem aqui tivemos noticia, certamente pela mesma pessoa, estamos inclinados a crer que não tem fundamento. De toda forma, V. já terá averiguado o fato.

Vamos agora ao assunto principal. Todos nós estamos de acôrdo quanto

á necessidade de pecunia. E' uma preliminar que não sofre debate. Foi principalmente para a obter, que o Lusardo foi a Lisboa tratar da junta nacional. Eu mesmo, ao sair de Buenos-Aires para Rivera, estabeleci este axioma: ou se obteem recursos e se age, ou ficamos condenados á inação. Mas tudo é relativo. Se não se pode conseguir, como parece que não se poderá, conseguir a quantia A, que eu reputo excessiva, não quer dizer isso que se não possa agir com a quantia a, menos do que aquela. E eu vou ainda além: se com a quantia a se pode fazer a coisa, eu não reputarei justo que se exija a quantia A. Este é o meu ponto de vista de encanecido revolucionario, o que não quer dizer que o nosso amigo P. também não tenha razão no dele. Tem as suas responsabilidades, muito diferentes das minhas, e quer também zelá-las. Preliminarmente, pois, estamos todos de acordo: é preciso arranjar pecunia. Tanto assim que aconselho que se reunam os tres membros aí presentes da junta e ponham mãos á obra, porque a concretização da condição imposta pelo P. só se poderá verificar a posteriori e não será depois de haverem os outros terminado a sua tarefa, que nós haveremos de iniciar a nossa. Diz V. muito bem que não quer sacrificar inutilmente os nossos patricios. Concorde. Mas, se despendermos apenas o absolutamente indispensavel nas operações preliminares, poderemos restituir, em caso de desistencia, a máxima parte da importancia recolhida, se os seus doadores não preferirem dar-lhe outro emprêgo patriótico.

A viagem do João Alberto parece que teve por fim inspeccionar a zona e estabelecer ligações. E' possível que ele e Flores não se entenderam. Este diz q está armado e os racha.

Gostei muito da parte do anteprojeto do dr. Borges até agora publicada. Discordo naturalmente num ou noutro ponto.

O Neves deve partir terça-feira. Quanto a mim, creio que depois da chegada do Lusardo, regressarei.

Sem mais, envio-lhe um forte abraço, extensivo a todos os bons amigos.